

O

Investigador Portuguez

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL

LITERARIO, POLITICO, &c.

VOL. XIII.

Condo et compono, que mox depromere possim.—HOR.

LONDRES:

IMPRESSO E PUBLICADO POR T. C. HANSARD,
Na Officina do Investigador Portuguez,
Peterboro'-court, Fleet-street.

Em caza do Snr. Marques de Cascaes se abrio jogo há hum pouco de tempo, e nesta assembleia assistem muitos Senhores, que se divertem em varias mezas; e todas as noites há dois sermoens, hum de jogo em que prega D. Carlos de Menezes, e outro de politica, que faz o Conde de Vimioso. Mas em hum e outro concurso saõ contrarios os effeitos; porque no sermaõ de D. Carlos os que perdêram sahem arrependidos, e no sermaõ do Conde os que naõ ganharam sahem conformes. Eu naõ sou ouvinte nem de hum nem de outro, ainda que em nenhum delles tenho que perder.

As chuvas vaõ continuando com tanta força que já naõ há em que caiam, e as novas das grandes perdas que ellas tem feito saõ da maior lastima, e do maior temor. Em huma propriedade que téndo, e qué hé a sege em que ando, experimentei huma grande ruina, porque naõ houve pinga de agoa que a naõ tenha inundado por todas as partes, sém fallar na libré do meo creado, que hé hum usofructo que taõbem tenho.
—Lisboa, &c. &c.

(Continuar-se-ha.)

Consideraçõens sobre o Verso Saphico, e Princípios geraes de Syllaba, applicados particularmente á Lingoa Portugueza.

Scribimus indocti, doctique poëmata passim.—HORAT.

A mania de fazer, versos á toa era conhecida já dos antigos; e muito a proposito encrepava Horacio aquelles que no seu tempo tinhaõ pretençõens poéticas sem o conhecimento das regras daquella arte, ou o que ainda hé peor, com o desprezo dellas. Tinha rasaõ de os censurar severamente, e bem claro lhes mostrava o exemplo do medico, do piloto, de todo o artista em geral, que estudavaõ as regras da sua arte, primeiro que a praticassem. Para justificar a censura, elle déo preceitos, assas que guiassem os candidatos da poesia; e estabeleceo praticamente todas as regras do metro.—Nós quizeramos imitar Horacio, por haver-mos que pugnar com os mesmos defeitos que

ella combateo, mas faltos de seu engenho, e perspicacia, poderemos á penas lançar os fundamentos de huma doctrina, que genios mais indagadores poderão melhorar; e fixaremos, quando muito, algumas regras do metro, cultivado pelos poetas antigos, e inteiramente abandonado pelos modernos.

Naõ admiro, que depois da queda que soffreó a lingoa Grega, e muito particularmente a Latina, os grammaticos se naõ occupassem do metro, vendo que os poetas modernos lhe haviaõ substituido a rima. Naõ entraremos na questao se a rima hé preferivel ao metro. O nosso fim hé mostrar a possibilidade de restaurar aquelle na lingoa Portugueza, naõ obstante a escassez dos nossos meios, e naõ termos huma grammatica em lingoa moderna, (se á penas exceptuamos o Allemaõ) que tracte de syllaba, como parte essencial á poesia, e necessaria na cultura da lingoagem.

Para melhor proceder-mos na analyse do verso Saphico, como em o nosso antecedente Numero prometemos, será bom, que digamos aos nossos leitores o que entendemos em geral por metro. Nós entendemos por metro, naõ hum certo e determinado numero de syllabas, como se requer na rima, mas hum certo arranjo de palavras, compostas de syllabas, regularmente breves e longas, que formem huma prolaçao constante, e tempos uniformes, como no compasso da musica. Dirse-nos-ha, que na rima taõbem há metro. Deve havelo, respondemos nós, e ás vezes o encontrâmos no verso rimado; naõ porque os rimadores attendessem á esta circunstancia, mas porque assim lhes correo a vea poetica. Que o metro naõ foi olhado como essencial na rima, se collige dos melhores poetas modernos. Entre os muitos exemplos deste genero que podiamos citar, bastará o seguinte verso de Camoens,

Cujo pecado, e desobediecia.—*Lusiad*, canto 4.

para provar-mos que na rima só erá essencial o numero das syllabas, entretanto que na metro se requer, alem disso a condiçao de constantes breves e longas. Passemos pois a considerar o verso Saphico, tal como o encontramos na sua origem Grega, e perfeita imitaçao Latina, e acharemos a sua verificação em Portuguez na Ode que no antecedente Numero ficou transcripta.

Consta o verso *Saphico* de cinco pés, dous *spondeos*, dous *trocheos*, e hum *dactylo*. O primeiro pé hé *trocheo*, o segundo *spondeo*, o terceiro *dactylo*, o quarto *trocheo*, o quinto *spondeo*. Consta o pé *trocheo* de duas syllabas, a primeira das quaes hé longa, e a segunda breve. O *spondeo* consta taõbem de duas syllabas, mas ambas longas. O *dactylo* de três, a primeira das quaes hé longa, e as duas seguintes breves. Cada strophe contém tres versos Sáphicos, e termina n'hum pequeno verso — chamado *adonio*, o qual consta de dous pés somente, o primeiro *dactylo*, o segundo *spondeo*. Exemplifiquemos esta regra, na seguinte strophe de huma ode Saphica, composta pela sua mesma inventora Sapho, celebre poetiza Grega; a qual transcrevemos aqui em caracteres Romanos, por naõ termos á maõ o original, e isso sem nada alterar o valor do seu metro, ou da sua construcçao mechanica.

C'ade hydros psýchros ch'ei tromos de
Passan airei; chloretere de poias
Eime tethnēnai, d'oligo deoissa
Phainomai apnys.

ou como se lê pelos Gregos modernos; e hé mais conforme á natureza daquelle metro —

C'ād' hídros psíghrōs, ghēi trómōs dē
Pāssān ērī; ghlōrōtēre dē piās
imē tētnēnē, d'oligō dēissā
Phēnōmē āpnīs.

Nesta strophe exprime Sapho elegantemente as emocioens, e sobresaltos, que experimentava na presença do seu amante. — Eis aqui a traducçao mais literal, que podemos fazer, desejando conservar o mesmo metro no Portuguez —

Banha-me os membros hum suor gelado,
Eu tremo toda; e palida ficando,
Sinto morrer-me; e agonisante logo
Cáio sem vida.

Da mesma sorte mediremos o Saphico Latino; como por exemplo na seguinte strophe da primeira ode Saphica de Horacio.

Jām sātīs tērrīs nīvīs ātquē dīraē
Grāndīnīs mīsīt Pātēr ēt rūbēntē
Dēxtērā sācrās jācūlātūs ārcēs
Tērrūit ūrbēm.

Traducçāo no mesmo metro:—

Sobejas neves, e saraiva dira
Dēo Jōve ás terras, e co' a maō vibrando
Rubida os Templós, de terror gelar-se
Fez Roma toda.

Applicando agora a mesma escala á Ode Saphica, que no passado inserimos, verificaremos o dito metro em abono do que dicemos.

Māntō, quē as nōitēs āfēastē d'Elbā
Cō' as nēgrās cōrēs dō mēdōnhō Avērnō,
D'hōrrōrēs qūantōs, lācērādo ābrīstē,
Scēnā trēmēndā.

E assim por diante; o que o leitor pode verificar, se quizer ter a paciēcia de medir deste modo todos as strophes: prevenindo-o, que toda a syllaba em Portuguez, que naō achar conforme ás regras da Latina, será breve ou longa, pelas razoens que logo assignaremos.

Primeiro que tudo será preciso convir com os gramaticos sobre os principios da syllaba Grega e Latina, radicalmente tirados, para dali deduzir-mos o typo fundamental de toda a syllaba moderna, e elucidar-mos as alteraçoens que nēsta se encontraõ relativamente aquelles principios, que reduziremos ás seguintes regras.

REGRA 1^a.

Todo o diphongo, isto hé, a reuniaõ de duas vogaes, que na pronuncia se destinguaõ, hé sempre longo. Como porem nō Grego, e n'algumas lingoas modernas, há duas vogaes unidas, que tem o som de huma só, assim como, ai, oi, ei, que no Grego soaõ e, i, i, taes diphongos, impropriamente assim chamados, podem ser breves.

REGRA 2^a.

Toda a vogal simplez hé commum, isto hé, pode ser breve ou longa, segundo as suas combinaçoens co' as letras consoantes, ou com outras vogaes. Assim qualquer vogal, precedida de duas ou mais consoantes, hé longa na lingoa Latina; nas modernas taes como no Allemaõ, no Inglez hé taõbem longa; se huma daquellas letras consoantes naõ for liquida, ou muda, sendo alias breve. Esta diferença de syllaba entre o Latim, e as lingoas modernas, faz que na Portuguese se naõ possa estabelecerem toda a sua amplitude aquella regra Latina, apezar da lingoa Portuguese ser sua filha immediata. Já tivemos occasião de observar, tractando deste objecto, que as palavras Portuguezas de duas ou mais syllabas, que tem o accento na final, naõ obstante serem Latinas, differem no valor das suas syllabas por aquella simplez razaõ—Ex. gr. As palavras horrór, temór, amór, tem o accento na final; no Latim hé o contrario ou pelo menos diverso, pois que lêmos horror, como em *frigidus horror*, ámor, tímor; donde inferimos, que o valor das duas syllabas naquellas palavras, pertencentes á duas lingoas, naõ hé o mesmo nellas ambas. Se acrescentar-mos que naõ há huma só palavra em Latim, com accento final; temos já hum criterio assaz pronunciado para diferenciar-mos a syllaba Portuguese da Latina em todas ás palavras daquella em que houver accento final—que certamente saõ muitas. Isto posto, estabelecemos como regra fundamental da syllaba Portuguese—que toda a syllaba com accento final hé longa; e que por isso o accento ou a falta delle no Portuguez basta para determinar as longas, breves, ou communs; e naõ as terminaçoens, como no Latim; do que se segue, que a regra Latina de toda a vogal antes de duas consoantes ser longa; tem no Portuguez algumas restricçoens.—Naõ podemos admittir com os nossos censores, que nas palavras *verdade*, *perjuro*, as primeiras syllabas *ver*, *per*, naõ possaõ ser breves, pór isso mesmo que nunca o saõ no Latim.—Insistimos com tudo, que a analogia nem sempre teve lugar. Eis aqui a razaõ em que nos fundamos.

Toda a syllaba, ou som elementar, considerado ab-

solutamente, hé indeterminado, e só comparativamente á outra syllaba hé que se pode chamar breve, ou longa, segundo o maior ou menor tempo que leva em proferir-se; e como este seja indefinido; isto hé, huma syllaba sendo mais ou menos longa, mais ou menos breve, segue-se, que huma syllaba menos longa hé longa relativamente á huma breve, mas hé breve relativamente á huma mais longa. Eis aqui o que quer dizer syllaba commun, de que os grammaticos naõ tem dado exacta definiçāo.—Por outra parte, o accento final fazendo-nós carregar na ultima syllaba, faz que as antecedentes sejaõ pronunciadas mais breves, do que resulta para a lingoa Portugueza huma infinitade de palavras compostas de syllabas breves, e brevissimas, longas, e longuissimas, que se naõ achaõ no Latim, e que nisto a fazem discrepar daquelle; assim como na maior extençāo de syllabas communs. Há todavia syllabas invariavelmente longas ou breves, que o uso tem feito taes; e hé o seu valor constante, que determina sempre a relaçāo da syllaba commun ou variavel, que está ligada com ellas.

Desta arte, a syllaba de qualquer lingoa que seja pode reduzir-se simplesmente á determinar, quaes saõ os seos sons invariaveis, para o que naõ conhecemos outra razāo mais que o habito de assim os pronunciar; e se algumas regras achamos geraes de breves e longas n'huma lingoa, estas falhaõ em outra.—Logo naõ hé da organizaçāo da loquella, segundo nos parece, que se deriva o valor constante da syllaba; mas sim dos habitos vocaes, conservados em cada idioma; isto hé, do uso, como dissemos.—Cada lingoa pois constando de palavras, consta de syllabas, ou de sons elementares breves e longos; e estes mesmos sendo invariaveis n'huma lingoa, variaõ quazi sempre á respeito d'outra; pois que a mesma syllaba longa ou breve de huma lingoa, naõ hé a mesma syllaba longa ou breve da outra, isto hé, naõ tem o mesmo valor. Assim o longo o Grego; ou omega, naõ hé o longo o Latino, nem o Allemaõ, nem o Portuguez, &c. A syllaba da lingoa Grega hé mais caracterizada, e mais simplez, que a da Latina, por isso mesmo que as suas vogaes determinaõ com precizaõ o caracter de suas longas e breves, assim como das communs ou variaveis. A

Latina hé mais complicada, pois que resulta mais da combinaçāo das vogaes com as consoantes, em que hé muito inferior á Grega.—A syllaba Portugueza, que se deriva d'ellas ambas, ainda hé mais simplez que a Grega; posto que mais indeterminada, sendo toda ella capaz de se reduzir, como já vimos, á duas ou tres regras geraes.

Estabelecidas por este modo as relaçōens mais constantes, que a syllaba Portugueza tem com a Latina; passamos á considerar as deviaçōens, ou descrepancia que aquella faz desta; a qual se reduz principalmente aos douz cazonos já mencionados; á saber, o accento final, e o valor diverso que resulta das suas vogaes combinadas com as letras liquidas e mudas; que ainda se poderiaõ reduzir á hum só cazo, por quanto as duas differenças tem grande connexāo entre si; e assiguar, se for possivel, as regras que devem dirigir o gramatico naquellas duas differenças.

No cazo de accento final temos duas observaçōens que fazer—a primeira hé que aquelle accento, pela razaõ que já demos de ser muito longo, reduz naõ só á syllabas breves todas as communs que o precedem, e mesmo aquellas que se lhe seguem, mas affecta de tal maneira as longas antecedentes que as desnaturaiza muito. Por exemplo, nas palavras *clamor*, *orador*, *operador*, de syllabas diversas; o accento final tem a propriedade de fazer breves todas as syllabas antecedentes, ao mesmo tempo que a syllaba naquellas tres palavras Latinas—*clamor*, *orator*, *operator*—hé longa. A segunda hé, que affectando elle, ou tornando menos longa a longa antecedente, produz huma especie de syllaba, que se naõ pode bem definir. Por exemplo, no verso de Virgilio que termina *vertice pastor*, o *pas* hé longo por ser vogal antes de duas consoantes, assim no Latim como no Portuguez; mas lida a palavra *pástor* á Portugueza, isto hé, com o accento na final, aquelle spondeo fica errado. Donde inferimos, que taes palavras naõ satisfazem sempre o metro requerido, como no presente cazo em que a palavra *pastór* naõ faz hum spondeo, por naõ constar de duas syllabas igual ou aproximadamente longas. Que faremos entaõ de tantas palavras Portuguezas que estaõ naquelle cazo? Seraõ excluidas do metro? Eis aqui

como resolvemos o embaraço:—Como o accento final affecta igualmente as syllabas subsequentes, decompondo-se, por assim dizer, e transferindo-se sobre ellas; segue-se, que se taes palavras naõ podem por-se no fim de hum verso de certo metro, podem-se pôr no principio ou no meio delle, ficando por isso reduzidas á palavras sem accento, e entaõ no cazo ordinario. Vimos já, por exemplo, que a palavra *pastor* naõ pode fazer hum spondeo final de hum verso, mas pode fazelo no principio, ou no decurso delle, da maneira seguinte.—Supponhamos que temos de introduzir a palavra *pastor*, como spondeo em hum verso Saphico, ou hexametro—Cânta pastor na sonoroza lira;—ou Canta-me pastor na lira que harmonica tanges.—Vendo-se n'hum cazo e noutro o accento da palavra *pastor*, decompor-se principalmente sobre a syllaba seguinte—*na*, e scando como se fosse huma só palavra *pastor-na*, a imitaçao de alguns cazos Latinos. Horat. por exemplo:—*Petimusque damusque vicissim.*

Eis aqui quanto ao accento. Resta-nos agora examinar a outra diferença da syllaba Portugueza com a Latina, tocante a combinaçao de huma vogal com duas consoantes, huma das quaes seja liquida, e cujo valor dissemos ser differente nas duas lingoas. Para determinarmos a questaõ, seja-nos licito referir-nos outra vez aos principios estabelecidos.—Que os sons elementares ou vogaes naõ saõ os mesmos em todas as lingoas, e daõ por conseguinte diversos resultados, combinados com as suas respectivas consoantes.—Ve-jamos pois que valor tem no Portuguez as cinco vogaes conhecidas—*a, e, i, o, u*,—e qual teriaõ pouco mais ou menos no Latim. Comecemos pelo—*a*. Na lingoa Portugueza o *a* tem tres distintos sons, como se pode notar no verbo—amar. *Amâmos* no presente do verbo contém dous *as* com diversos valores, pois que o primeiro *ã*—*ãmâmos*—hé mui breve e mudo, entre tanto que o segundo *ã* hé mais aberto e longo. Comparando este segundo *ã* do presente com o *ã* do preterito *amâmos*, achamos que este hé taõbem longo, e muito mais aberto do que o do presente. Creemos que no Latim naõ havia tres sons no *a*: eis aqui a razaõ. Na palavra Latina *amor* há duas syllabas longas, por quanto no verso faz algumas vezes hum spondeo. Na

mesma palavra, em Portuguez, o *a* naõ só hé breve mas brevissimo, em razaõ do accento final da segunda *amor*.—Amar, e amarei—pela mesma razaõ tem os ás antecedentes brevissimos, o que naõ pode acontecer no Latim por falta do accento. Logo o *a* em Portuguez tem hum valor desconhecido no Latim, que em combinaçao de consoantes identicas deve dar diversos resultados. Applicando este principio á pratica, achamos, que em Portuguez o *a*, todas as vezes que vém combinado com duas consoantes, huma das quaes seja a liquida *r*, e sem accento, pode ser breve, assim como *ärder*, *ärdl*, e até nas palavras sem accento final *artéza*, *argonauta*, e principalmente se tem duas liquidas, como *harmonia*; e isto naõ so assim hé pelas analogias do Portuguez com outras lingoas vivas, como o Allemaõ e Inglez, em que se verifica esta diferença do Latim, mas pela razaõ que achamos n'hum dos valores do *a*, que chamamos brevissimo, o que se naõ encontra no Latim.

A mesma diferença deve ter lugar no *e* Portuguez, por lhe acharmos taõbem outros tres sons destictos, como se nota nas palavras *pérder*, *pérto*, sendo a primeira syllaba *pér* mui pouco aberta; a segunda *pér*, mais; e a terceira *pér* muito mais.

Esta regra porem naõ terá lugar nas combinaçoens do *i* e do *u*, por aquellas vogaes naõ terem variaçaõ em Portuguez á suppor-mos no Latim. Conseguintemente, á respeito dellas nos serviremos das regras da syllaba Latina. Relativamente ao *o*, como na escala dos sons lhe naõ achamos propriamente se naõ dous, naõ lhe podemos dar a mesma extençao de productos, que demos ao *á* e *é*; com tudo nas suas combinaçoens com a liquida *m*, hé muitas vezes breve. Assim se faz delle a illizaõ, quando o precede huma vogal, bem como observamos continuamente no Portuguez e no Latim.

Este pequeno esboço de syllaba, para servir de auxilio ao metro, naõ deve ser olhado como hum perfeito tractado, incompativel com a tarefa limitada de hum Jornalista; mas poderá sugerir ao leitor curioso e amante da literatura ideas mais extensas, e talvez mais luminozas sobre este assumpto, alias prolixo e difficultozo. As nossas vistas neste ensaio tendem

sómente a melhorar na poezia Portugueza huma condiçāo que lhe falta—o metro,—para se igualar á Latina, e Grega, se mesmo as naõ excéder. Seria superfluo recommendar á adopçāo deste projecto aos nossos literatos, que conhecem as excellencias da lingoa Portugueza. Mas tudo o que for enriquecer a sua literatura naõ pode ser indiferente ao Investigador Portuguez.

ECONOMIA POLITICA.

Preciosa Conquista Botanica, feita pelos Estados do Brazil.

(Artigo copiado do "Patriota do Rio de Janeiro."—No. 3,
Março, 1813.)

ACHANDO-ME prisioneiro de guerra na Ilha de França, em 1808, tratei de negocear e effectuei com aquelle governo o meo resgate e o de todos os nossos compatriotas, ao numero de 200, que ali taõbem se achavam na mesma desgraça, prospectando ao mesmo tempo roubar áquella colonia, para enriquecer este estado, parte das preciosidades, com as quaes MM. de Poivre e Menonville, em 1770, tanto a tinhaõ illustrado. O projecto foi temerario, vistas as circunstancias em que me achava; mas o resultado foi o mais feliz, pois que consegui subtrahir do Jardim Réal hum grande numero de arvores de espèciaria, e de sementes exóticas, naõ sem muito trabalho, risco, e despezas: porem quando se trata de prosperar a patria, preenchendo os augustos, magnanimos, e providentes sentimentos do melhor dos Príncipes, tudo se arrosta.

Em Julho de 1809 entrei nesta capital; e dei parte á S. A. R. da minha acquisiçāo, e me foi ordenado, por Aviso da Sécretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, que as distribuisse, dando huma porçaõ á Real Junta do Commercio, e o restante ao